

HERMENÊUTICA NA HISTORIOGRAFIA FEUERBACH E O PROBLEMA DA INTERPRETAÇÃO*

Adriana Veríssimo Serrão

A presença de uma reflexão hermenêutica no pensamento de Feuerbach poderia ser confirmada por uma breve recapitulação dos principais contextos em que a impossibilidade de um conhecimento directo do objecto torna necessário o recurso à ordem da interpretação. Assim, no âmbito da filosofia da religião, o acesso à intimidade insondável do *Gemiüt* é semelhante a um trabalho de tradução, pois opera na conversão de dois sistemas de significação como se de línguas ou códigos diferentes se tratasse, procurando transpor o sentido oculto das imagens e dos afectos numa linguagem significativa e inteligível. O universo das representações sobrenaturais no qual a consciência religiosa se objectiva é semelhante a um texto, podendo deste modo os seus mecanismos psíquicos mais profundos, que permanecerão sempre inacessíveis a uma explicação lógica, ser compreendidos pelo pensamento *genético-crítico*. Exhaustivamente aplicado em *Das Wesen des Christentums*, este método surge posteriormente retomado na *Theogonie*, que encontra na análise da linguagem mítica e simbólica um princípio para colher o sentido da história da consciência humana segundo uma semântica dos desejos universais (salvação, felicidade, criação, imortalidade...).

* O presente artigo reproduz o texto de uma comunicação apresentada ao Colóquio *Feuerbach und das Bild der Vergangenheit* (Nápoles, Setembro de 1994).

Também o conhecimento é frequentemente descrito por Feuerbach como uma articulação entre sentido e texto. Para conhecer é necessário ler o "livro do mundo", que possui em si realidade, objectividade e sentido próprios, mas que só devem significar para nós quando os seus sinais são apreendidos e decifrados, quando o ser original é transposto para o pensamento e traduzido pelas categorias da linguagem¹. Ainda num outro contexto, predominantemente antropológico e existencial, a comparação entre a vida e a escrita pretende acentuar o facto de a existência de cada indivíduo, longe de poder ser considerada como a reiteração de uma essência humana predeterminada e idêntica, se assemelhar mais à redacção de um livro ou à produção inédita de uma biografia².

Estes exemplos bastariam para justificar, além de uma forte presença do tema, ainda a possibilidade de abordar algumas das grandes linhas da filosofia feuerbachiana segundo a perspectiva hermenêutica. É objectivo do presente estudo acompanhar o despertar deste tópico no interior da obra historiográfica, sendo justamente na qualidade de historiador da filosofia que Feuerbach começa por se debater com o problema da interpretação. Foi, de facto, o trabalho desenvolvido no confronto directo com as doutrinas da época moderna que constituiu a ocasião para uma primeira reflexão aprofundada acerca da natureza e condições do processo interpretativo. Procuraremos explicitar, a partir da sua sistematização no Prefácio ao *Leibniz* e de outros elementos dispersos ao longo dos escritos dos anos 30 – desde a recensão a Rosenkranz/Bachmann (1833) até *Para a crítica da filosofia de Hegel* (1839) –, os princípios gerais da teoria e metodologia feuerbachiana da interpretação, na referência exclusiva a esse caso privilegiado que é o texto filosófico.

1. A filosofia como enigma: a tarefa da interpretação

Ao elevar o conceito de *Entwicklung* ao estatuto de categoria central da hermenêutica historiográfica, Feuerbach confere-lhe um alcance sobre-determinado que ultrapassa largamente outras acepções consagradas no vocabulário filosófico, como as de "desenvolvimento", "crescimento" ou "evolução". Em diversas definições que deverão ser entendidas como

1 Cf. *Grundsätze der Philosophie der Zukunft*, G.W. 9, 326; *Wider den Dualismus von Leib. und Seele, Fleisch und Geist*, G.W. 10, 150; *Über "Das Wesen der Religion" in Beziehung auf "Feuerbach und die Philosophie. Ein Beitrag zur Kritik beider" von R. Haym*, G.W. 10, 345.

Os textos de Feuerbach serão citados pela edição crítica de Werner SCHUFFENHAUER, *Gesammelte Werke*, Berlin, Akademie Verlag, 1967 ss.

2 Cf. *Die Unsterblichkeitsfrage vom Standpunkte der Anthropologie*, G.W. 10, 283; 316.

sucessivas explicitações do seu conteúdo semântico, a *Entwicklung* é significativamente descrita como a "decifração" (*Entzifferung*), o "desvendamento" ou a "desocultação" (*Enthüllung*)³, e ainda como a "resolução do enigma" (*Enträtselung*) que constitui o "verdadeiro sentido de uma filosofia"⁴. Encontram-se assim reunidos em torno deste conceito, equivalente no léxico feuerbachiano ao de *interpretação*, o problema metodológico do acesso à verdade e a reflexão sobre os critérios orientadores do trabalho em história da filosofia.

O Prefácio ao *Leibniz* oferece o mais amplo esclarecimento desse carácter secreto que envolve uma doutrina filosófica, ao mostrar como nela se entretece uma duplicidade de planos: o plano do *dito* (*das Gesagte*), que corresponde aos enunciados literais e é apreensível pela leitura imediata, e o plano do *não dito* (*das nicht Gesagte*), que se definiria não tanto por um "vazio" ou uma ausência, mas antes pela presença difusa de um motivo unificador que vivifica e anima a doutrina no seu conjunto.

O pensamento que uma obra revela é sempre algo de inacabado, nunca inteiramente exposto, nunca dado na sua forma definitiva. Resulta deste desfasamento entre pensamento e linguagem que nunca existe perfeita correspondência entre a intenção do autor e a sua concretização, que a ordem das razões e a ordem da exposição não coincidem, que o sentido e a expressão não se recobrem. O enigma de uma filosofia deriva justamente do facto de o texto escrito não dizer tudo o que foi pensado pelo autor, decorrendo daí a carência da expressão e o seu carácter lacunar, sendo igualmente a sua complexidade directamente proporcional ao modo como o *dito e exposto* e o *não-dito mas pensado* se articulam reciprocamente no interior das fronteiras textuais de uma doutrina. O grau desta inadequação determinará, por sua vez, o grau da necessidade de intervenção do trabalho interpretativo. É por isso, afirma Feuerbach, que um pensamento complexo e multifacetado, como o de Leibniz, carece de mais "capacidade interpretativa" (*Entwicklungsfähigkeit*) do que um outro, que se exhibe mais clara e linearmente, como o de Locke⁵.

3 "Die Entwicklung ist die Entzifferung des wahren Sinns einer Philosophie, die Enthüllung dessen, was das *Positive* in ihr ist, die *Darstellung* ihrer *Idee* innerhalb der zeitlich bedingten, endlichen *Bestimmungsweise* dieser Idee." – "A interpretação é a decifração do verdadeiro *sentido* de uma filosofia, o desvendamento daquilo que é o *positivo* nela, a *exposição* da sua *ideia* no interior dos *modos de determinação* temporalmente condicionados, finitos, dessa ideia." *Darstellung, Entwicklung und Kritik der Leibnizschen Philosophie* [=Leibniz], G.W. 3, 4.

4 "[...] die Entwicklung ist nun aber nichts anders als die Enträtselung des wahren Sinns einer Philosophie." *An Karl Riedel. Zur Berichtigung seiner Skizze*, G.W. 9, 7.

5 *Leibniz*, G.W. 3, 3.

Também na *Carta a Riedel*, Feuerbach refere a estranheza com que uma doutrina do passado se apresenta a uma época posterior, mas para acentuar que essa distância temporal – cuja reconstituição define o objecto da história da filosofia – não se afigura ser de natureza essencialmente distinta daquela distância que se interpõe entre o pensamento próprio e o pensamento de um outro, o qual, diferido ou próximo no tempo histórico, não deixa de surgir sempre com a marca de um diferente, de um estranho:

"Cada filosofia do passado é para uma época posterior um paradoxo, uma anomalia, uma contradição com a sua razão. A interpretação tem a tarefa de resolver esta contradição, de desfazer este paradoxo, de indicar o pensamento alheio como um possível, pelo menos sob certas condições, pensamento próprio de nós."⁶

Compreender uma filosofia não será, pois, ir até ela para a inserir no tempo que a viu nascer, mas, inversamente, fazê-la tanto quanto possível vir até nós, chamá-la ao presente, torná-la nossa contemporânea. Feuerbach faz da hermenêutica uma exigência fundamental da historiografia, mas, mais ainda, subordina a própria historiografia, de natureza sucessiva e diacrónica, à hermenêutica, uma vez que tal "paradoxo" ou "anomalia" não se resolve de modo histórico, pela integração epocal de um pensador, mas de modo interpretativo.

O conceito de "dupla necessidade" mostra bem que Feuerbach não entende os sistemas como elos de uma cadeia, como se estivessem inteiramente inseridos no curso transitório de um contínuo *Übergang*. Uma filosofia é certamente condicionada por doutrinas precedentes, pela atmosfera intelectual, pelas categorias culturais e pela mentalidade do seu tempo. Só que o momento histórico, o contexto cultural e nacional determinam-na apenas "em sentido negativo", *por um outro*. Enquanto possui autonomia própria, eleva-se acima de todos os condicionamentos, é necessária e determinada, mas "em sentido positivo", *por si mesma*⁷.

6 "Jede Philosophie der Vergangenheit ist für eine spätere Zeit ein Paradoxon, eine Anomalie, ein Widerspruch mit ihrer Vernunft. Die Entwicklung hat die Aufgabe, diesen Widerspruch aufzulösen, dieses Paradoxe abzustreifen, den fremden Gedanken als einen, wenigstens unter gewissen Bedingungen, möglichen eignen Gedanken von uns nachzuweisen." *An Karl Riedel*, G.W. 9, 7.

7 "Notwendig im positiven Sinne ist nur eben das Notwendige, d.i. das, was durch sich selbst und um seiner selbst willen ist, notwendig im negativen Sinne, was durch ein andres ist. [...] Jede Philosophie nun, die wirklich diesen Namen verdient, ist notwendig in diesem doppelten Sinne, notwendig durch sie selbst, inwiefern sie Vernunft, Wahrheit ausdrückt, durch andres, inwiefern sie nicht etwa überhaupt bestimmte Wahrheit [...], sondern eine so und so, eine endlich bestimmte Wahrheit ausdrückt und durch den Standpunkt der Zeit, des Volkes, den Grad der allgemeinen Bildung oder die vorhergegangene Philosophie vermittelt ist." – "Necessário em sentido positivo é justamente apenas o necessário, i.e., aquilo que é por si mesmo e

O sentido positivo advém-lhe da *ideia*, que lhe imprime a marca da originalidade e lhe empresta um carácter único e inédito e, ao mesmo tempo, a dota de uma "verdade ilimitada" (*uneingeschränkte Wahrheit*)⁸:

"Cada filosofia tem, por isso, em si um santuário que repele todas as engrenagens e ataques, um núcleo absolutamente irrefutável. Este núcleo é a sua *ideia*, da qual aquilo que habitualmente se salienta e se capta como princípio ou proposição fundamental é somente a expressão exterior, o fenómeno."⁹

Aceder a esse "santuário inviolável" resume o objectivo fundamental do historiador da filosofia.

2. A dialéctica interpretativa

A hermenêutica feuerbachiana não estabelece técnicas fixas. Define, porém, uma metodologia suficientemente precisa que integra o procedimento analítico e o procedimento sintético como componentes indissociáveis do acto interpretativo, sendo a relação directa com o texto o requisito primeiro de toda a interpretação. Não se exprimindo inteiramente por si, apenas pode responder ao questionário de uma "interpretação imanente" (*immanente Entwicklung*)¹⁰, que opera como um trabalho *no* texto e tem como finalidade penetrar no seu sentido oculto para "o trazer à luz e tornar transparente"¹¹.

A análise é um procedimento de desconstrução mediante a divisão e a separação, que

por causa de si mesmo, necessário em sentido negativo aquilo que é por um outro. [...] Ora, cada filosofia que é realmente digna deste nome é necessária nesta dupla acepção; necessária por si mesma, na medida em que exprime razão, verdade, necessária por outro, na medida em que não exprime uma verdade determinada em geral [...], mas uma verdade determinada desta e daquela maneira, de modo finito, na medida em que é mediada pelo ponto de vista da época, do povo, pelo grau da cultura geral ou pela filosofia precedente." Recensão a J.E. Erdmann: *Veßuch einer wissenschaftlichen Darstellung der Geschichte der neueren Philosophie*, vol. I [=Erdmann I], G.W. 8, 129.

8 Erdmann I, G.W. 8, 130.

9 "Jede Philosophie hat darum ein allen Ein- und Angriffen sich entziehendes Heiligtum, einen absolut unwiderleglichen Kern in sich. Dieser Kern ist ihre *Idee*, wovon das, was man gewöhnlich als Grund- und Hauptsatz hervorhebt und angreift, nur der äußerliche Ausdruck, das Phänomen ist." Recensão a: *Hegel. Sendschreiben an den Hrn. Dr. C.F. Bachmann*. Von Dr. K. Rosenkranz [=Bachmann], G.W. 8, 4.

10 *Leibniz*, G.W. 3, 3.

11 An Karl Riedel, G.W. 9, 7.

"não só abstrai o conceito universal, determinante de pensamentos determinados, singulares, mas também desenreda do dito aquilo que no dito *não* está *dito*, embora se encontre implicitamente nele"¹².

A actividade analítica des-faz o que se encontra envolto, des-emaranha o accidental do essencial, separa o condicionado do incondicionado, o acessório do fundamental. Ela percorre o caminho que vai do explícito ao implícito, da letra ao espírito, da filologia à filosofia, remontando gradualmente até à presumível fonte geradora de sentido. Visa isolar aquele núcleo que garante unidade à multiplicidade de elementos que a um contacto superficial surgem como secundários, acessórios, desconexos. No termo deste processo, a ideia desvendar-se-á muitas vezes sob a figura de uma "proposição paradoxal", de que são exemplo o *cogito, ergo sum* cartesiano, a *visão em Deus* – "nous voyons toutes choses en Dieu" – de Malebranche ou a afirmação de Espinosa, segundo a qual "à essência do ser divino pertence não só o pensamento, mas também a extensão"¹³.

A síntese, por sua vez, parte do cerne problemático entretanto desenredado, extrai as potencialidades ínsitas nessa intuição mobilizadora, refaz o percurso do autor segundo a ordem das razões. Pode assim justificá-lo, recriando a estrutura subjacente da obra e conferindo-lhe a inteligibilidade de que no original carecia. A actividade sintética

"verifica a ideia apenas através da apreensão conjunta do múltiplo num todo, através da conexão dos pensamentos diversos, isolados, que aparentemente não estão em relação uns com os outros ou, pelo menos, não estão expressos numa tal relação, pensamentos esses que todavia, segundo a essência, fazem parte de um conjunto."¹⁴

A unidade assim desvendada não se esgota na enunciação de uma tese central ou de um conceito determinante e dominante, agora desenlaçado, o que seria próprio de uma redução abstractiva. É uma reelaboração da doutrina no seu todo e numa nova sequência, próxima da ordem do autor, mas já distinta dela, porque dotada de outra organização e disposição das partes. É uma reconstituição global da ideia, pois recria laços entre os temas, inventa vínculos entre os conceitos, para voltar a integrar de modo

12 "[...] eine analytische [Tätigkeit], indem sie nicht nur von den bestimmten, einzelnen Gedanken den allgemeinen, bestimmenden Begriff abstrahiert, sondern auch aus dem Gesagten das herauswickelt, was im Gesagten *nicht gesagt* ist, aber doch implícite in ihm liegt [...]" *Leibniz, G.W.* 3, 4.

13 Cf. *An Karl Riedel, G.W.* 9, 6.

14 "[...] eine synthetische [Tätigkeit], indem sie nur durch die Zusammenfassung des Mannigfaltigen zu einem Ganzen, durch die Verknüpfung der verschiedenen, isolierten, scheinbar nicht in einer Beziehung zueinander stehenden oder wenigstens nicht in einer solchen ausgesprochenen, dem Wesen nach aber doch zusammengehörenden Gedanken die Idee ermittelt." *Leibniz, G.W.* 3, 4.

coerente os elementos que anteriormente se apresentavam como marginais, desagregados ou periféricos, ou que, em muitos casos, nem sequer tinham sido efectivamente tratados pelo filósofo. A aplicação paradigmática desta metodologia pode encontrar-se na dedução da pluralidade monadológica a partir da singularidade monádica, através da mediação dos conceitos de *matéria* e de *força*¹⁵.

Feuerbach caracteriza de "orgânico" ou "genético"¹⁶ este método, que se poderia talvez com maior propriedade designar de *maieútico*, uma vez que faz surgir verdade, levando um filósofo a falar a partir dos seus textos. Ou ainda de *dialéctica interpretativa*, fundado que está num vai-vem de duas direcções inversas mas complementares. O movimento analítico é ascendente e centrípeto: parte do manifesto para o latente, para chegar ao ponto onde se encontra a origem, a raiz de uma filosofia. O movimento sintético é descendente e centrífugo: faz crescer o núcleo da doutrina, alargando-o harmoniosamente a partir de dentro, de si mesmo, do seu fundamento. Só aqui seria legítimo entender a *Entwicklung* como um desenvolvimento ou uma evolução em crescendo, já que não se pode, em rigor, *des-envolver* sem previamente *des-cobrir*.

3. Metamorfose e identificação: o intérprete como mediador

Sem chegar a declarar expressamente que é possível compreender um autor melhor do que ele se compreendeu a si mesmo, o papel concedido por Feuerbach ao intérprete é de tal modo relevante, que apenas através do labor deste virá o sentido a ser recuperado. A sugestiva analogia com a

15 Esta dedução, que marca um dos aspectos mais peculiares da interpretação feuerbachiana de Leibniz, é sinteticamente justificada nos seguintes termos: "So leitet z.B. Leibniz nirgends direkt aus dem Begriff der Monade die Vielheit der Monaden ab. Obgleich er aber keine *förmliche* Deduktion der Vielheit gibt, so ist sie doch nicht von ihm vorausgesetzt oder von außen aufgenommen und eine Genesis derselben aus dem Begriff der Monade historisch gerechtfertigt und begründet durch *die* Bestimmung z.B., daß die *Einzelheit* ein notwendiges Prädikat einer handelnden Substanz ist." – "É assim, por ex., que Leibniz em nenhum lugar deduz directamente do conceito da mónada a pluralidade das mónadas. Mas embora ele não dê qualquer dedução *formal* da pluralidade, ela não é contudo pressuposta por ele nem tomada de fora, e uma génese da mesma a partir do conceito da mónada é historicamente justificada e fundada, por ex., a partir *daquela* determinação segundo a qual a *singularidade* é um predicado necessário de uma substância activa." *Leibniz*, G.W. 3, 5.

16 "Die Entwicklung ist daher eine *genetische* Tätigkeit, indem sie das, was nur als unvermittelte These erscheint und, solange es so erscheint oder so wiedergegeben wird, unbegriffen ist, erzeugt, aus seinem Grunde ableitet." – "A interpretação é, por isso, uma actividade *genética*, na medida em que produz, faz derivar do seu fundamento, aquilo que apenas aparece como tese não mediada, e é incompreensível enquanto aparece ou é apresentado desse modo." *Leibniz*, G.W. 3, 4-5.

abelha mostra o *Entwickler* como protagonista de um processo de transformação do outro em si, pela assimilação e apropriação de materiais, e, simultaneamente, como agente de uma reelaboração pessoal dos mesmos através da sua própria actividade:

"O intérprete não deve restituir o estranho *como um estranho*, mas como se fosse o seu, como um mediado, assimilado através da actividade própria. O seu modelo não é a abelha que junta pólen e o transporta para casa, mas a abelha que volta a *segregar* como cera o pólen já acumulado."¹⁷

Tudo se passa como se a hermenêutica da revelação não se pudesse consumir sem a hermenêutica da identificação. O intérprete empresta o seu pensamento, fazendo dele o meio de uma "reprodução" e de uma "metamorfose"¹⁸, pela qual o estranho se transforma em próprio, o alheio em seu, o diferente em semelhante. É graças a esta "restituição transfigurada" (*verklärte Wiedergeben*) – que condensa o ideal feuerbachiano da interpretação –, que o intérprete-filósofo se distingue do historiador. Este queda-se na narração do autor em paráfrases, fazendo a compreensão descer ao nível da glosa¹⁹, substituindo a relação viva pelo esquematismo de uma "atitude mecânica" (*mechanisches Verhältnis*)²⁰.

17 "Der Entwickler soll das Fremde nicht *als ein Fremdes*, sondern so, als wäre es das Seinige, er soll es als ein durch die eigne Tätigkeit Vermitteltes, Assimiliertes wiedergeben. Sein Vorbild ist nicht die Biene, die den Blumenstaub sammelt und nach Hause trägt, sondern die Biene, die den bereits gesammelten Blumenstaub als Wachs wieder *ausschwitzt*." *Leibniz*, G.W. 3, 5.

18 "Die Entwicklung soll *Reproduktion, Metamorphose* sein." – "A interpretação deve ser *reprodução, metamorfose*." *Leibniz*, G.W. 3, 5.

19 "Sie ist keine empirische Tätigkeit, die es nur mit *Gegebenem* zu tun hat, keine nur historische, die das Original mit philologischem Pedantismus sklavisch wiedergibt und nur mit erklärenden oder bekrittelnden Randglossen begleitet; sie ist eine *reproduzierenden*, eine *freie, geistige* Tätigkeit, die ihren Gegenstand nicht mit Haut und Haaren, sondern *verklärt* wiedergibt, ihn mit dem Lichte des *Verstandes* penetriert, *transparent* macht." – "Ela não é uma actividade empírica que apenas tem de lidar com o *dado*, nem uma actividade apenas histórica que restitui o original com escravidão, com pedantismo filológico e que o acompanha apenas com glosas marginais explicativas ou críticas; é uma actividade *reprodutora, livre, espiritual*, que não restitui o seu objecto com pele e cabelos, mas o restitui *transfigurado*, que o penetra com a luz do *entendimento* e o torna *transparente*." *An Karl Riedel*, G.W. 9, 7.

20 Cf. *Erdmann I*, G.W. 8, 130; *Leibniz*, G.W. 3, 6 : "Man kann sich allerdings auch zu Handlungen des denkenden Geistes in ein mechanisches Verhältnis versetzen und sie wie äußerliche Handlungen in der Weise einer Erzählung darstellen. Aber dieses Verhältnis ist kein adäquates, vielmehr ein der Natur des Gegenstandes widersprechendes". – "É certo que nos podemos também colocar face às acções do espírito pensante numa relação mecânica, e expô-las como acções exteriores, à maneira de uma narrativa. Mas esta relação não é adequada, é antes uma relação contraditória com a natureza do objecto."

Não haverá, pois, que recusar a intervenção da subjectividade em nome de uma pretensa cientificidade, nem de se ser neutro para se ser objectivo. Torna-se mesmo permitido ao intérprete exprimir a sua afectividade, sem a qual nada mais restaria do que a repetição de um esquema canónico, uniformemente aplicado a qualquer texto e autor, tendencialmente idêntico em todos os manuais; por isso a interpretação

"não nega o afecto, desde que o afecto seja a pura expressão adequada do objecto no sujeito que expõe. Ela não nos obriga a uma abstinência monástica da alegria e da dor, do louvor e da censura, porque o próprio filósofo exerceu este acto relativamente a si. A verdadeira exteriorização da subjectividade é apenas a coincidência com o objecto. Só deste modo é que uma exposição ganha também carne e sangue, vida"²¹.

O fundamento da possibilidade de interpretar encontra-se, em última instância, na pressuposição de uma razão universal, comum a todos os sujeitos pensantes. Todavia, esta unidade fundadora não seria por si só suficiente para colmatar a diferença, para ultrapassar a distância, e mesmo a estranheza, que separa sempre dois pensadores. A compreensão estabelece-se somente no plano do *Mit-denken*, na acepção etimológica do *cum-mentare*: pensar o pensar de um outro, e, ao pensá-lo, absorvê-lo em si, tornando-o seu.

O pensamento hermenêutico nunca se opera, portanto, pela dissolução num pensar anónimo, porque se funda num acto subjectivo de reflexão e na espontaneidade do *Selbstdenken*. Nem se processa prioritariamente no plano do entendimento, porque não é da ordem da estrita discursividade, mas alia a meditação reflexiva à agilidade da intuição, mais adequada para transpor mediações, vencer o tempo, antecipar relações e colher a ideia num acto de apreensão simultânea²².

A afinidade do intérprete com a ideia do autor, que traduz a máxima fidelidade que lhe será possível alcançar, brota somente de uma relação de

As diversas críticas ao formalismo da historiografia da *Aufklärung*, nomeadamente à História de Tennemann, que "é no seu modo de apreender e avaliar os sistemas tão unilateral, uniforme e maçadora [...] que se repetem sempre as mesmas explicações, fundamentos e objecções" (Recensão a: Michelet (ed.): *Hegels Werke*, G.W. 8, 45) estendem-se à História de Erdmann, pautada pelos critérios de uma estrita cientificidade.

21 "Sie negiert nicht den Affekt, wenn nur anders der Affekt der reine adäquate Ausdruck des Gegenstandes im darstellenden Subjekt ist. Sie nötigt uns nicht auf eine mönchische Enthaltsamkeit von Freude und Schmerz, Beifall und Tadel, weil der Philosoph selbst diesen Akt gegen sich ausübte. Die wahre Entäußerung der Subjektivität ist nur die Einigung mit dem Gegenstände. Nur dadurch bekommt auch eine Darstellung Fleisch und Blut, Leben [...]" *Erdmann I*, G.W. 8, 130.

22 Sobre o pensamento intuitivo, cf. a Recensão a J.Kuhn: *Jacobi und die Philosophie seiner Zeit*, G.W. 8, 17.

confiança (*vertrauter Umgang*)²³ capaz de cimentar o parentesco e de gerar entre ambos uma espécie de intimidade intelectual.

4. O momento da crítica: a ética da interpretação

Com o reconhecimento da subjectividade fica igualmente legitimada a coexistência de diferentes interpretações. Mas como pode cada intérprete assegurar-se da veracidade da sua, encontrando-se ele próprio e as suas concepções tão intimamente implicados? Sobre a interpretação pairam sempre o risco do erro e da ilusão, da arbitrariedade. Ela oscila entre o limite da sobre-interpretação, que é excessiva e diz "de mais", e o limite da sub-interpretação, que pede pouco e, portanto, é pobre e diz "de menos"²⁴. São riscos que nunca poderão ser inteiramente evitados. Mas sendo o texto do autor o ponto de partida, nele se encontra também o termo e único meio de confirmação. O original permanece sempre como o princípio e como o fim, o critério último da validade interpretativa, que a actividade própria deve não trair. Como mecanismos de rectificação e de autocertificação, Feuerbach indica a integração no contexto histórico, e sobretudo a necessidade de voltar frequentemente ao texto, para verificar a compilação de passagens, recapitular a pertinência das articulações, confirmar a coerência da leitura feita²⁵.

É ainda uma exigência de fidelidade que se impõe à atitude crítica e a distingue da simples refutação, pois

"nada é mais fácil do que refutar (aparentemente) um pensamento filosófico, um sistema filosófico, quando o apreendemos apenas fáctica, mas não *geneticamente*; quando apenas nos detemos no que está *dito*,

23 Cf. *Leibniz*, G.W. 3,4.

24 "Allerdings soll man an einen Philosophen nicht mehr Forderungen machen, als er zu seiner Zeit erfüllen konnte und sollte, aber auch nicht *wenigere*, als er an sich selbst stellte." – "É certo que não se deve fazer a um filósofo mais exigências do que aquelas que ele podia e devia cumprir no seu tempo, mas também não se deve fazer *menos* do que aquelas que ele a si mesmo se colocou." *Erdmann I*, G.W. 8, 130.

25 "Aber sie ist notwendig eine *historisch-gebundene* und *bestimmte* Tätigkeit. Sie muß sich stets stützen auf *bestimmte data*, aus denen, sei es nun *direkt* oder *indirekt*, hervorgeht, daß wirklich diese Entwicklung, diese Genesis dem wahren unverkennbaren Sinn und Geist des Philosophen gemäß ist." – "Mas ela [a interpretação] é necessariamente uma actividade *historicamente-inserida* e *determinada*. Ela tem de se apoiar constantemente em *dados determinados*, dos quais decorre, *directa* ou *indirectamente*, que esta interpretação, esta génese, é efectivamente conforme ao sentido e ao espírito verdadeiro e inconfundível do filósofo." *Leibniz*, G.W. 3, 5.

Cf. a indicação da "compilação de dados" e da "exposição puramente objectiva" como instâncias de controle; *An Karl Riedel*, G.W. 9, 7.

não naquilo que no dito *não* está *dito*, mas que apenas há que pensar, quando não distinguimos a ideia da expressão da ideia."²⁶

A crítica interna, que se processa em paralelo com a interpretação e é uma componente fundamental da *Entwicklung*²⁷, permite evidenciar o que numa obra é sempre vivo, a verdade que nela permanece, e, ao mesmo tempo, emitir um juízo selectivo que indica incoerências, deficiências de expressão, avalia parcialidades, mede a adequação entre a ideia de uma doutrina e o seu cumprimento pelo filósofo. Condicionada por uma rigorosa deontologia, é precisamente a intervenção de uma atitude ética de respeito intelectual o critério que Feuerbach utiliza para distinguir a "verdadeira" da "falsa" crítica e esboçar uma tipologia da crítica e dos críticos.

A "crítica do mal-entendido" (*Kritik des Mißverständes*) refuta sem ter percorrido as fases do trabalho textual e sem ter alcançado o momento da identificação. É superficial e ilegítima; não passa pelo conhecimento exaustivo do texto, prescinde do trabalho filológico, fica no acessório e literal; ou desatende do sentido da doutrina ou procura combatê-la com outros meios²⁸.

26 "Nichts aber ist leichter, als einen philosophischen Gedanken, ein philosophisches System (scheinbar) zu widerlegen, wenn man dasselbe nur faktisch, nicht *genetisch* auffaßt; wenn man sich nur an das hält, was *gesagt* ist, nicht an das, was im Gesagten *nicht gesagt*, sondern nur zu denken ist, wenn man die Idee nicht von dem Ausdruck der Idee unterscheidet." *Leibniz*, G.W. 3, 139.

Feuerbach admite cinco modos legítimos de refutação, correspondentes à crítica do conhecimento. Todos eles se estabelecem no plano dos princípios e implicam o conhecimento da lógica interna da doutrina. São os seguintes: 1. Sendo o conceito que serve de princípio a um sistema sempre um conceito determinado, opor-lhe a realidade do princípio oposto. 2. Acentuar, relativamente a um princípio que visa a totalidade, a ausência de um momento essencial não coberto por esse princípio. 3. Mostrar a inadequação existente entre o princípio de um sistema e a sua concretização ou extensão no interior do próprio sistema. 4. Mostrar a insuficiência de um princípio para a realização da ideia de Filosofia. 5. Acentuar que os limites insuperáveis que uma filosofia atribui a outras são também os seus próprios limites. *Bachmann*, G.W. 8, 3-4.

27 "Die wahre Kritik liegt in der Entwicklung selbst, denn diese ist nur möglich durch die Sonderung des Wesentlichen von dem Zufälligen, des Unbedingten von dem Bedingten, des Objektiven von dem Subjektiven." – "A verdadeira crítica reside na própria interpretação, pois esta só é possível através da separação entre o essencial e o contingente, o incondicionado e o condicionado, o objectivo e o subjectivo." *Leibniz*, G.W. 3,4.

28 A imagem do falso crítico encontra-se no retrato de Bachmann, desenhado a propósito da crítica deste a Hegel: ele transforma o positivo em deficiente, permanece na letra da doutrina, não separa o filósofo da sua filosofia, "projecta nele o que tem na cabeça" e "só pensa em crucificar o filósofo como um criminoso do *são* entendimento". *Bachmann*, G.W. 8, 5-6.

Posteriormente, alguns destes traços serão devolvidos por Feuerbach aos seus próprios críticos; cf. *Vorlesungen über das Wesen der Religion*, G.W. 6, 389.

A "crítica objectiva" é filosófica, mas limita-se a colocar o sistema "face a ela"; julga-o e analisa-o segundo os seus próprios pressupostos teóricos, como um objecto exterior. Mas

"uma coisa é ter um sistema face a si, como um objecto da crítica, outra coisa inteiramente diferente é situar-se no interior dele, em suma, uma coisa é criticar, outra interpretar"²⁹.

Na "crítica do conhecimento" (*Kritik der Erkenntnis*), conjugam-se a identificação com o pensamento do autor e a plena adesão ao seu texto: o intérprete "situa-se no interior" da doutrina, podendo, deste modo, transpor-se para o lugar do "outro eu"³⁰.

5. Apresentação e comunicação : o ponto de vista do leitor

O processo interpretativo não estaria, porém, consumado sem que a meditação, interior e reflexiva, se viesse a objectivar numa apresentação e a fixar-se autonomamente pela escrita, pois só reelaborado num *novo texto* pode um pensamento ser comunicado. O intérprete transforma-se, por sua vez, num apresentador (*Darsteller*), cumprindo o acto de justiça de tornar o autor acessível, oferecendo-o ao conhecimento de outros. E o diálogo silencioso, a dois, que nos momentos precedentes travava com o autor prolonga-se numa relação plural que se dirige ao leitor como termo final do acto da comunicação filosófica.

À apresentação preside, segundo Feuerbach, um propósito eminentemente didáctico. Sem ela, o leitor ficaria abandonado a si mesmo, com ela, poderá refazer o seu próprio caminho. Cabe-lhe orientá-lo, fornecer-lhe "os meios para compreender", indicar "as matérias mais difíceis mas também as mais importantes de uma filosofia", chamar a atenção para o

29 "[...] daß es etwas ganz andres ist, ein System als Objekt der Kritik vor sich haben, etwas andres, sich innerhalb desselben befinden, kurz, etwas andres, es kritisieren als es entwickeln [...]." *Leibniz*, G.W. 3, 216.

30 "Der Kritiker [...] identifiziert sich nicht mit seinem Wesen, macht sich nicht zu seinem anderen Ich, um in dieser mystischen *unio essentialis*, die von außen unvernehmliche Stimme der Idee zu erlauschen, die den Philosophen bei der Schöpfung seiner Werke beseelte und begeisterte." – "O crítico [...] não se identifica com a essência [do filósofo], não se transforma no seu outro eu, para esclarecer nesta *unio essentialis* mística as imperceptíveis vozes da ideia que, de fora, animaram e entusiasmaram o filósofo no momento da criação da sua obra." *Bachmann*, G.W. 8, 5.

Esta é uma das raras afirmações em que se poderia surpreender uma possível inspiração de Feuerbach na hermenêutica romântica. Na generalidade das passagens que abordam o tema, a "identificação" dá-se com a ideia objectivada no texto e não com o estado de espírito do autor ou com o princípio inspirador da sua obra.

essencial³¹. Só que agora, consciente dessa sua função mediadora, o intérprete terá de passar para segundo plano, esbater-se enquanto personalidade, para que a apresentação se torne tanto quanto possível numa auto-apresentação que

"deixa o próprio filósofo falar, explicar-se *a partir de si mesmo e através de si mesmo*."³²

Deixar o autor falar em nome próprio significa permitir-lhe a protagonização, conceder-lhe frequentemente a palavra, intercalando no interior do discurso indirecto o discurso directo, recorrendo a profusas citações, no corpo do texto e em apêndice. A selecção das citações terá de ser criteriosa, devendo cada passagem particular tomar em consideração o todo da doutrina e "ter presente o escritor na sua totalidade"³³. Feuerbach recomenda ainda o trabalho directo e em primeira mão, partindo das fontes e apresentando os textos tanto na língua original como em tradução.

Subjacentes a estas indicações de cariz metodológico a propósito do momento apresentativo, de que a valorização da escrita e a referência ao leitor são os aspectos fundamentais, reconhecem-se as próprias raízes do dialogismo feuerbachiano. Para escrever, tenho de pôr em dúvida que o

31 O apresentador contrapõe-se ao narrador: "Er überläßt daher auch den Leser sich selbst, ohne Mittel zum Verständnis, übergibt ihm den Philosophen auf Gnade und Ungnade und erwähnt die schwierigsten, aber auch wichtigsten Materien einer Philosophie entweder nur im Vorbeigehen oder, was noch schöner ist, *bemerkt sich nicht einmal*." *Leibniz*, G.W. 3, 6.

Feuerbach denomina também o objectivo da sua *História* de "didáctico" ou apresentativo, para o distinguir do "dramático" ou narrativo; *Geschichte der neuern Philosophie von Bacon von Verulam bis Benedikt Spinoza* [= *Geschichte*], G.W. 2, 3.

32 "[...] den Philosophen [...] selbst sprechen, sich *aus* und *durch sich selbst* erklären läßt." *Leibniz*, G.W. 3, 6.

33 "Ein für allemal muß ich bemerken, daß ich bei der Übersetzung jeder Stelle mich nicht bloß nach dieser, sondern nach andern ähnlichen Stellen, die sich in B. finden, richte, daß ich überhaupt bei jeder Stelle eines Schriftstellers den Schriftsteller *in seiner Totalität* in mir gegenwärtig habe." — "Tenho de notar de uma vez por todas que, no caso da tradução de cada passagem, não me limitei a dirigir-me a ela, mas a outras passagens análogas que se encontram em Bacon, e que, em geral, face a cada passagem de um escritor, tenho presente em mim o escritor *na sua totalidade*."

Trata-se de um comentário de Feuerbach no Capítulo dedicado a Bacon, na *História da Filosofia Moderna*, acrescentando que : "B. hat so viele sonderbare, wunderliche Ausdrücke, gebraucht viele Worte in einem so ganz eigentümlichen Sinne, daß man ihn nur aus sich selbst verstehen und übersetzen kann. Bermerken muß ich ferner, daß meine Übersetzung, [...] bald eine Paraphrase und Erläuterung zugleich ist, bald nur ein kurzer Extrakt der Essenz des Textes." — "Bacon tem tantas expressões espantosas, admiráveis, usou tantos termos num sentido tão peculiar, que só o podemos compreender e traduzir a partir dele mesmo. Tenho ainda de fazer notar que a minha tradução [...], ora é simultaneamente uma paráfrase e um esclarecimento, ora apenas um curto extracto da essência do texto." *Geschichte*, G.W. 2, 61 nota.

outro saiba o que eu sei e o modo como o sei, porque apenas esta dúvida me leva a iniciar a comunicação. Mas, ao mesmo tempo, devo igualmente pressupor no outro um sentido comum na base do qual ele pode vir a conhecer o que eu lhe procuro transmitir. Na linguagem em que *eu e tu* se unem funda-se um exercício intersubjectivo do pensamento, e a razão, um universal prévio à compreensão, alarga-se e concretiza-se, abrindo um novo espaço de comunidade³⁴.

6. A historiografia : entre hermenêutica e história da filosofia

A função sistematizadora atribuída por Feuerbach à categoria de *Entwicklung* define claramente o percurso que permite passar do enigmático ao significante, e contém, de modo explícito, uma resposta ao problema de saber como deve ser considerada uma doutrina para poder ser compreendida. Através da análise anterior, pudemos descortinar o trabalho no texto, a metodologia genética, a identificação com a ideia, a avaliação crítica e a exposição comunicativa como as principais fases desse processo.

Não será necessário justificar que Feuerbach teoriza em grande medida o seu trabalho pessoal, do mesmo modo que trabalha segundo as regras do seu método. Esta correspondência é patente na maneira como conduz o comentário dos filósofos e na equivalente estrutura adoptada nos três volumes da *História da Filosofia Moderna*: o plano típico compõe-se de Apresentação, Interpretação e Crítica, muitas vezes enriquecido com uma Biografia, uma Característica e uma Didáctica.

Feuerbach mostra-se mesmo inteiramente consciente da fecundidade da sua concepção, ao anunciar justamente o método de *Entwicklung* como o aspecto mais original da sua *História*:

"O objectivo *essencial* do autor – e é apenas nele que reside a *differentia specifica* da sua *História* – e, por conseguinte, o seu objecto *essencial*, não é aquilo que apenas é exigido e autorizado pela actividade formal da exposição, mas aquilo que torna uma actividade *positivamente-filosófica*, a actividade de uma *interpretação imanente*, não apenas possível, mas também necessária."³⁵

34 Cf. sobre o tema da escrita comunicativa, *Zur Kritik der Hegelschen Philosophie*, G.W. 9, 27-29.

35 "Dieser sein *wesentlicher Zweck* – und hierin allein liegt die *differentia specifica* seiner Geschichte – , folglich sein *wesentliches Objekt* ist nämlich nicht das, was nur die *formelle Tätigkeit der Darstellung* erfordert und zuläßt, sondern das, was eine *positiv-philosophische Tätigkeit*, die Tätigkeit einer *immanenten Entwicklung*, nicht nur möglich, sondern auch notwendig macht." *Leibniz*, G.W. 3, 4.

Mais significativa se afigura, segundo cremos, a possibilidade de entender como alguns dos princípios orientadores da história da filosofia de Feuerbach se tornam compreensíveis à luz da transposição das suas próprias exigências hermenêuticas.

A valorização da figura singular do pensador encontra na *monografia* a forma privilegiada de exposição, aquela que respeita a singularidade de uma doutrina e permite revelar o filósofo como figura dotada de individualidade. Já o primeiro volume é concebido como um conjunto de pequenas monografias (Bacon, Hobbes, Gassendi, Böhme, Descartes, Malebranche, Espinosa), que se prolongam nas grandes monografias dedicadas a Leibniz e Pierre Bayle. A biografia, não sendo essencial, precede muitas vezes a exposição, visando caracterizar o filósofo como personalidade espiritual e moral, como *alma*.

À absoluta singularidade que uma doutrina revela, na sua coerência interna e enquanto pensamento peculiar e irrepetível, corresponde a um *modelo plural da verdade*. Feuerbach assume o tópico leibniziano dos pontos de vista como conciliação entre a individualidade e a pluralidade: cada sistema é uma perspectiva (*Gesichtspunkt, Standpunkt*)³⁶ da verdade configurada numa intuição única, sendo, pois, em si mesmo "perfeito"³⁷. A um só requisito prévio deve obedecer a selecção dos filósofos numa história da filosofia: que um pensamento seja *verdadeira filosofia*, que siga os critérios da razão, de que são excluídos os misticismos e as diversas modalidades de reconciliação deliberada com a teologia e a dogmática.

O reconhecimento da verdade inerente a cada doutrina conduz, por outro lado, à recusa de uma visão da história submetida à estrita progres-

Cf. ainda as palavras de abertura ao primeiro volume: "Der Zweck, den sich der Verfasser vorsetzte, war, die nach seiner Meinung noch nicht genug entwickelten und erörterten Grundideen der wichtigsten philosophischen Systeme der neuern Zeit zu klarer Anschauung und Erkenntnis zu bringen." – "O objectivo que o autor se propôs foi o de trazer à intuição clara e ao conhecimento as ideias fundamentais dos mais importantes sistemas da época moderna, na sua opinião ainda não suficientemente interpretadas e discutidas." *Geschichte*, G.W. 2, 3.

E o esclarecimento da *Carta a Riedel*, redigida em 1839, já no termo do seu curto período como historiador, a propósito dos escritos históricos: "Das wesentliche Moment in ihnen ist nicht die Darstellung, sondern die *Entwicklung* des Mittelpunkts der dargestellten Philosophien [...]" – "O momento essencial neles não é a exposição, mas a *revelação* do centro das filosofias expostas [...]" G.W. 9, 6.

36 *Bachmann*, G.W. 8, 4.

37 "[...] denn jedes System *in sich* ist vollkommen, jedes hebt innerhalb seiner selbst seinen Mangel auf, obwohl diese Aufhebung des Mangels selbst wieder eine mangelhafte ist [...]" – "[...] pois cada sistema é *em si* perfeito, cada um supera a sua deficiência no interior dele mesmo, se bem que esta superação da deficiência venha a ser ela mesma de novo deficiente [...]" *Leibniz*, G.W. 3, 216.

sividade. Permanece nela algo de próprio, que nunca será inteiramente anulado, superado ou integrado num estágio posterior ou superior. Daí que a sucessão não possa sobrepor-se à *coexistência*, ou na formulação concisa de Feuerbach: "Face ao sucessivo na história há que não esquecer o simultâneo."³⁸

A concepção feuerbachiana da história da filosofia defende o primado da *descontinuidade*, pois é incompatível com a ideia de uma história global visando a completude e a exaustividade. Assim se compreendem as críticas à concepção hegeliana, por desvalorizar os sistemas, ao integrá-los no curso de uma história construtiva e sistemática, e esbater as suas diferenças em função da lógica de um "acto inteligente"³⁹.

Não será decerto sem alguma ironia que Feuerbach adverte para o facto de o trabalho do historiador-intérprete ser solidário de uma temporalidade reflexiva e se desenrolar sempre na lentidão de um tempo interior que exige uma atenção demorada e não consente a abordagem de filósofos em quantidade:

"Antes de ter terminado um *único* filósofo segundo o método interpretativo, pode-se, por isso, com facilidade e de maneira mais cómoda, dar como pronta uma dúzia inteira de filósofos – se é que os filósofos se podem ter às dúzias."⁴⁰

O primado do hermenêutico sobre o histórico permite ainda compreender como o inacabamento do projecto de uma História da Filosofia –

38 "Über dem Sukzessiven in der Geschichte ist nicht das Simultane zu vergessen." Erdmann I, G.W. 8, 130.

39 Cf. os dois excertos do *Nachlaß*, presumivelmente redigidos nos anos 30 :

"Die Hegel'sche Methode hat überhaupt den Mangel, dass sie die Geschichte nur als einen Fluss hinströmt. Sie macht die Geschichte zu einem ununterbrochenen, intelligenten Akt, was sie doch nicht ist. Die Geschichte der Philosophie wird unterbrochen durch antiphilosophische, rein praktische Interessen und Tendenzen, durch rein empirische Bedürfnisse der Menschheit." – "O método de Hegel tem em geral o defeito de fazer fluir a história apenas como um rio. Ele transforma a história num acto ininterrupto, inteligente, o que ela todavia não é. A história da filosofia é interrompida por interesses e tendências anti-filosóficos, puramente práticos, por carências puramente empíricas da Humanidade." *Grün* I, 395.

"Hegel stellt Alles, so auch in der "Geschichte der Philosophie", nur in einer successiven Entwicklungsreihe dar; daher subordonirt er Systeme, die doch nicht nur gleichzeitige, sondern auch gleichberechtigte sind." – "Hegel apresenta tudo, e do mesmo modo na *História da Filosofia*, apenas numa série de desenvolvimento sucessiva; por isso subordina sistemas que não apenas são contemporâneos, mas que também são igualmente legítimos." *Grün* I, 393.

40 "Ehe man mit einem *einzig* Philosophen in der Entwicklungsmethode fertig wird, kann man daher recht leicht in einer/bequemern Manier ein ganzes Dutzend Philosophen abfertigen – wenn anders die Philosophen dutzendweise zu haben sind." *Leibniz*, G.W. 3,6.

anunciado no Prefácio à *Geschichte* e esboçado, no seu plano integral, nas *Lições* de Erlangen – não se terá ficado a dever a motivações de ordem circunstancial, biográficas ou temperamentais, como Feuerbach por vezes parece sugerir⁴¹, mas a razões de ordem teórica e principal.

Com o abandono do interesse historiográfico, também o conceito de *Entwicklung* perde nos escritos posteriores a sua função central. As *Vorläufige Thesen zur Reformation der Philosophie* e os *Grundsätze der Philosophie der Zukunft* já não traçam uma história de pensadores, mas uma genealogia de categorias, em que as diversas filosofias e filósofos apenas sinalizam momentos exemplares do processo de transformação da teologia em filosofia. O problema hermenêutico não desaparecerá, contudo, da obra de Feuerbach. Apenas se desloca do texto filosófico para os enigmáticos domínios da natureza humana: a religião e a antropologia.

RÉSUMÉ

HERMÉNEUTIQUE DANS L'HISTORIOGRAPHIE. FEUERBACH ET LE PROBLÈME DE L'INTERPRÉTATION

Il s'agit de mettre en relief le rôle central du concept d' *Entwicklung* dans l'herméneutique de l'histoire de la philosophie soutenue par Feuerbach dans les écrits des années 1833-1839. L'*Entwicklung* s'identifiant avec le déchiffrement (*Entzifferung*), le dévoilement (*Enthüllung*) ou la résolution de l'énigme (*Enträtselung*) du "vrai sens" d'une philosophie, c'est la question même de l'interprétation qui se trouve par là posée.

On suit d'abord les fases de la méthode qui permet de défaire cet énigme, toujours par le moyen d'une interprétation immanente: l'analyse et la synthèse, l'identification de l'interprète avec l'auteur, la critique interne et la présentation communicative. On montre ensuite comment la stricte correspondance entre ces exigences herméneutiques et les principes de l'histoire feuerbachienne de la philosophie – le primat de la singularité, le caractère pluriel et simultanée de la vérité, la discontinuité historique – finira par rendre irréalisable le projet d'une histoire intégrale de la philosophie moderne.

41 Cf., por exemplo, o testemunho autobiográfico da *Carta a Riedel*: "Die nur gelehrte, d.i. historische *Schriftstellerei* ist allerdings nicht mein Beruf; im Gegenteil: Sie widerspricht meinem Wesen, so sehr mich auch zu historischen *Studien* ebensowohl die Einsicht ihrer Notwendigkeit als Neigung hinzieht." – "A escrita apenas erudita, isto é, histórica, não é certamente a minha vocação; pelo contrário: ela contraria o meu modo de ser, por mais que a tendência para *estudos* históricos suscite também em mim a compreensão da sua necessidade." *An Karl Riedel. Zur Berichtigung seiner Skizze*, G.W. 9, 6. E ainda a caracterização dos anos 1833-1838 como "um período de resignação"; *Vorwort zu L. Feuerbach: Sämtliche Werke*, Bd. I, G.W. 10, 331.